



Intolerância Invisibilizada: Discurso e Resistência à População Trans nos Terreiros de Candomblé

Invisibilized Intolerance: Discourse and Resistance toward the Trans Population in Candomblé Terreiros

Thiago Teixeira de Almeida

Resumo: Este trabalho propõe a discussão sobre intolerância dentro de religião de matriz africana, mais especificamente o Candomblé, com a população trans. Com isso, notamos que essa realidade não é visibilizada, logo, acredita-se que essa resistência não ocorre dentro dos terreiros, já que toda forma de intolerância sempre está atrelada às religiões judaico-cristãs. Contudo, buscamos compreender como as formações ideológicas e discursivas influenciam nas práticas discursivas ao ponto de não demonstrarem que esse conflito também aparece nos terreiros. Como corpus, foram selecionadas três charges e uma tirinha que elucidarão a premissa dessa pesquisa. Para este estudo, iremos recorrer ao aporte teórico da Análise do Discurso Francesa, utilizando os conceitos de formação ideológica (FI), formação discursiva (FD) e práticas discursivas, nos respaldando em Jean-Jacques Courtine, Michel Foucault, Michel Pêcheux e Régine Rubin.

Palavras-chave: candomblé; intolerância; transexualidade.

Abstract: This paper proposes a discussion about intolerance within an African-based religion, more specifically Candomblé, with the trans population. With this, we note that this reality is not made visible, therefore, it is believed that this resistance does not occur within the terreiros, since all forms of intolerance are always linked to the Judeo-Christian religions. However, we seek to understand how ideological and discursive formations influence discursive practices to the point of not demonstrating that this conflict also appears in the terreiros. As a corpus, three cartoons and one comic strip were selected that will elucidate the premise of this research. For this study, we will resort to the theoretical contribution of French Discourse Analysis, using the concepts of ideological formation (IF), discursive formation (FD) and discursive practices, supported by Jean-Jacques Courtine, Michel Foucault, Michel Pêcheux and Régine Rubin.

Keywords: candomblé; intolerance; transsexuality.

INTRODUÇÃO

A religião de matriz africana é sinônimo de resistência, pois por um longo período histórico colonizadores tentaram de diversas maneiras dizimar o culto em terras brasileiras, porém com inteligência e garra de continuar com sua fé os escravizados conseguiram manter suas tradições ritualísticas no novo continente, a única coisa que os traficantes não conseguiram arrancar dos vários grupos étnicos vindos de África.

Prandi (2004, p. 223) nos diz:

Candomblé formava até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos e depois dos afrodescendentes, resistência à escravidão e aos

mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após a abolição da escravidão.

Com isso, seus adeptos ganham espaço e respeito mesmo passando por retaliações e torturas. Deste modo, temos espalhado por todo o país numerosos terreiros que perpetuam o culto de seus ancestrais africanos. Reforçando este entendimento, Kileuy e Oxaguiã (2014, p. 29) afirmam que:

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais. É a religião que tem como função principal o culto às divindades – inquices, orixás ou voduns –, seres que são a força e o poder da natureza, sendo seus criadores e também seus administradores.

Mesmo, sim, em pleno século XXI, a perseguição e intolerância tem participação ativa aos cultos e adeptos por todo país, já que muitos membros de religiões judaico-cristãs não admitem que o Brasil seja um estado laico, logo, todos os cidadãos têm direito de professar sua fé como desejam, mas, na prática, não isso funciona, pois sempre temos relatos constantes de intolerância e violência tanto moral quanto física direcionadas a esses espaços e, principalmente, aos membros de vários terreiros por todo território nacional, sendo assim, gerando um enorme conflito em ambos os lados. Em contrapartida, também notamos uma determinada resistência dentro do candomblé que é invisibilizada, isto é, dentro dos terreiros há restrições incisivas direcionada a população Trans, ou seja, a não aceitação é um ponto de debates e conflitos na religião, pois ainda existem muitos espaços que não aceitam membros Trans de forma totalitária, por conseguinte, podemos perceber que essa prática não está apenas voltada as comunidades abraâmicas, mas isso não é abordado, já que toda e qualquer forma de exclusão sempre é relacionado aos cristãos. Isso se dá na e pela linguagem, visto que, a formação ideológica (FI) que permeia e cresce entre os cristãos também está presente nos adeptos das religiões de matriz africana, pois acreditam que possuem o direito de condenar todos os que não exercem o mesmo segmento religioso ou conservador, com isso, a formação discursiva (FD) impacta ativamente nas práticas discursivas desse sujeito, assim gerando atos violentos por meio de discursos intolerantes. Posto isso, notamos que as palavras na sua grande maioria passam por alguns equívocos, pois há mutações que contribuem no sentido proposto pelo sujeito no que está sendo dito, observamos também que a mesma palavra que é dita num contexto pode ser utilizado em outro, nisso acarretando significações distintas, pois é necessário saber a qual FD ela pertence:

Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem sentido que lhe seria próprio, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações de tais palavras, expressões ou proposições mantêm com as outras palavras, expressões ou proposições

da mesma formação discursiva. A FD compreende uma FI que serve de posição e sustentação para um discurso, através daqueles que os pode o que não pode ser dito dentro de uma determinada conjuntura estabelecida que estão em jogo dentro de um processo sócio-histórico (Pêcheux, 1995).

Esta pesquisa se dispõe a trazer ao campo científico um pensamento crítico de como a linguagem segrega pessoas por não estarem inseridas num padrão normativo como a sociedade impõe, ou seja, a partir do momento em que o indivíduo não se enquadra neste molde binário exigido, cabe a este entender e aceitar que não deve pertencer os mesmos espaços, sendo assim, notamos que por intermédio do discurso. Transexuais são alvos constantes desta exclusão social, pois sofrem um apagamento de seus direitos em especial sua representatividade, ou seja, gerando inúmeros casos de violência dentro de espaços religiosos, exclusivamente dentro do candomblé, nisso é por meio da linguagem que certos preconceitos são promovidos, já que se munem do conhecimento oral passado pelos mais antigos para legitimar sua discriminação contra essa população. Mas essa ação é apagada quando é direcionada ao candomblé, isto é, no momento de coleta de dados em sites de busca na internet sobre *Transexualidade, Intolerância e Candomblé*, nada é encontrado, contudo, não significa que elas existam. Esta ação nos impulsiona a querer investigar como a busca de material com ideia de intolerância sempre dá como resultado a intolerância cristã, uma vez que esse viés anula a ideia de que o candomblé também tem e prática intolerância.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para este corpus é de usarmos a classificação de Gil (2012), que concerne aos aspectos descritivo e explicativo. Pois afirma o autor que “As pesquisas descritivas têm por objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, então o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2002:42). Já no campo explicativo, “Têm como preocupação central identificar aspectos que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (Gil, 2002, p.42). Entretanto, o estudo concerne ao caráter descritivo para analisar como as FI e FD são articuladas nas práticas discursivas em relação ao não aparecimento de charges e tirinhas que apontam a intolerância também no candomblé, isto é, demonstraremos como esses elementos são fundamentais. No âmbito explicativo, nos direcionaremos pelo acréscimo dos fatores sociais, os quais tiveram contribuição significativa para a formação destas práticas discursivas. Para isso, coletamos quatro charges e uma tirinha que elucidarão o nosso objetivo.

Nosso aporte teórico perpassa pela Análise do Discurso Francesa, visto que utilizaremos os estudos de (Courtine, 2009; Foucault, 1999 e 2008; Pêcheux, 2009; dentre outros). Este trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira exibida, iremos nos ater à recepção da AD como teoria linguística e analítica e sobre formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD). Seguindo, teremos na segunda a exposição da análise desses elementos discursivos nas charges e tirinha coletadas.

CAMINHOS EXPLORATÓRIOS DA AD.

Michel Pêcheux funda em 1969 uma disciplina intitulada *Análise do Discurso*, de modo a dar uma criticidade e sistematização aos estudos do discurso, já que nos mostra que a língua não é só um efeito constituído e postulado por Saussure, para ele entre as modalidades língua e fala, também há o discurso. Segundo Tardocchi (2023, p. 13):

Em Por uma análise automática do discurso, Pêcheux questiona a oposição saussuriana entre *langue* e *parole*, demonstrando que não apenas a primeira, mas também a segunda é suscetível a regras. Nesse sentido, a fala não é uma combinação individual e sistemática guiada pela vontade suprema de um sujeito e ausente da história.

A *Análise do Discurso* surge então como uma disciplina de entremeio, visto que ela abarca o discurso, o sujeito e a história, ou seja, é pela linguagem que temos ciência de fatos históricos, logo, ela nos exhibe de como o mundo nos é contado de maneira anti empirista e anti-humanista. Segundo Kogawa (2019):

É preciso não esquecer, por mais seduzidos que possamos ser por essa ideia, de que, se podemos conceber um sujeito para aquilo que é dito e se podemos vincular o dizer a acontecimentos históricos, é porque o discurso constrói o lugar para essas instâncias.

Tardocchi (2023) nos diz que: “As palavras, as expressões, os termos e o que constitui a base linguística estão, segundo Pêcheux (1995), fadadas ao sentido em uma conjuntura regulada pela FD, que compreende uma formação ideológica”. Posto isso, notamos que as palavras na sua grande maioria passam por alguns equívocos, pois há mutações que contribuem no sentido proposto pelo sujeito no que está sendo dito, observamos também que a mesma palavra que é dita num contexto pode ser utilizado em outro, nisso acarretando significações distintas, pois é necessário saber a qual FD ela pertence:

Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem sentido que lhe seria próprio, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações de tais palavras, expressões ou proposições mantêm com as outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. A FD compreende uma FI que serve de posição e sustentação para um discurso, através daqueles que os pode o que não pode ser dito dentro de uma determinada conjuntura estabelecida que estão em jogo dentro de um processo sócio-histórico (Pêcheux, 1995).

Essa abordagem exhibe como o discurso é explorado nos meandros ideológicos, históricos e sociais, isto é, notamos uma estreita relação entre o que é dito e as condições de produção, nisso apontando as marcas que influenciam na

construção do significado. Em *Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault (2008, p.50):

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer uma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lance sua primeira claridade.

INTOLERÂNCIA: QUEM É E QUEM, NÃO É?

Apesar de o candomblé ser uma religião de acolhimento, ou seja, permite que qualquer membro sem distinção adentre o templo sagrado, há dogmas similares aos da matriz religiosa judaico-cristã, quando se trata em questões de gênero, pois nesse momento a exclusão da população Trans a esses espaços tem uma forte presença, já que na maioria dos terreiros muitos de seus líderes não aceitam como de fato deveria, isto é, pautados ao conceito biologicista, ou seja, onde deve ser tratado pelo gênero de nascimento e não como se reconhecem, sendo assim, gerando alguns conflitos nas casas de candomblé. Na *História da Sexualidade*, Foucault (1999, p. 28-29) diz:

Surge a análise das condutas, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medidas fiscais.

Com a contemporaneidade, alguns fatores se tornaram conflitantes dentro da religião, em outros termos, a questão de gênero, sexualidade e preconceito ainda vem trazendo diversos enfrentamentos no espaço sagrado, sendo assim, acarretando discursos direcionados a pessoas que não se enquadram a forma binária imposta por uma sociedade preconceituosa e excludente.

A partir disso, conseguimos observar como as FI e FD tomam forma nas práticas discursivas, ou seja, seguindo a mesma premissa das religiões abraâmicas, os terreiros produzem práticas discursivas daqueles que também são intolerantes a eles, porém ainda é invisibilizado, pois não exposição que a mesma intolerância que cristãos executam também é exercido no candomblé. Para melhor entendimento, tomaremos quatro charges e uma tirinha que exemplificam que não há nenhuma menção de que, da mesma forma, acontece nos terreiros. Visto isso, só conseguimos encontrar essa atividade entre os judaicos cristãos. Cabe salientar, que não iremos

nos ater em analisar as imagens em si, mas sim as FI e FD que estão inseridas nas práticas discursivas das charges e tirinha, pois o nosso propósito aqui é investigar o porquê há o apagamento dessa intolerância dentro do candomblé voltado a população Trans, visto que ela é presente no ambiente religioso. Seguem abaixo as figuras:

Figura 1 - Charge que denuncia, de forma irônica, a intolerância religiosa contra pessoas trans, evidenciando a patologização da identidade de gênero no discurso cristão.



Fonte: @antra.oficial, Pablo F. Lobo, 2015.

Figura 2 - Magem simbólica que denuncia a intolerância religiosa ao representar a Bíblia como instrumento de opressão e silenciamento das religiões de matriz africana.



Fonte: Felipe Cardoso, 2015.

Figura 3 - Charge que representa a violência religiosa contra as religiões de matriz africana, evidenciando a intolerância expressa por meio da agressão simbólica em nome da fé cristã.



Fonte: Latuff, 2013.

Figura 4 - Ilustração que evidencia a contradição entre o discurso de respeito religioso e a prática de intolerância, ao expor a violência simbólica direcionada à população trans por meio da condenação moral.



Fonte: Luiz Clécio Barroso, 2021.

Figura 5 - Jornal 78: Gladiadores do Altar e o temor das religiões afro-brasileiras.



Fonte: VitorT, 2015

Como podemos notar nas figuras apresentadas, elas possuem a mesma FI e FD, pois a intolerância parte da mesma posição-sujeito, *o cristão*. Em consonância com Foucault (2008, p. 43), a FD toma forma quando:

[...] descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Essa questão revela-se bastante evidente sob diversas formas. O que nos inquieta, entretanto, é a ausência de registros dessa prática em fontes pesquisadas em motores de busca, particularmente no contexto das religiões de matriz africana. Tal lacuna sugere que ainda há muito a ser debatido sobre a temática, considerando especialmente a ocorrência de casos semelhantes também identificados no candomblé. Assim, é possível observar que essas práticas não podem ser automaticamente associadas aos terreiros, o que reforça a necessidade de uma análise mais aprofundada e imparcial.

Tardocchi (2023, p. 25) afirma que:

Dessa forma, não são sujeitos empíricos, e sim posições sociais, posições estas que estão evidenciadas no processo discursivo. Tais posições são marcadas por “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”.

De acordo com Pêcheux (1995, p. 144) as ideologias orientam as práticas, existindo apenas por meio do sujeito e para os sujeitos.

As ideologias, não são feitas de “ideias”, mas de práticas: a ideologia não se reproduz sob a forma [...] de um espírito do tempo, a “mentalidade” da época, os “costumes de pensamento” etc que se imporia à “sociedade” [...] Os aparelhos ideológicos não são a realização da Ideologia em geral. [...] É impossível atribuir a cada classe sua ideologia (destaques do autor).

Mediante a isso, conseguimos avaliar que mesmo sendo de cultos distintos as duas vertentes religiosas possuem o mesmo pensamento ideológico, logo, perpetuando o mesmo discurso conservador referente a questões de gênero, com isso, de formas consideráveis o candomblé se muni dessa ideologia para segregar a população Trans, uma vez que, tais membros saem da regra binária imposta pelos líderes. Essa perpetuação do discurso conservador evidencia como as práticas religiosas podem refletir e reforçar normas sociais que mantêm hierarquias e exclusões. No caso do candomblé, essa exclusão de pessoas trans é especialmente significativa, pois contradiz o potencial emancipatório de uma religião que historicamente acolhe a diversidade cultural e social. Assim, a aplicação de uma visão binária de gênero dentro do candomblé não apenas limita a participação plena de pessoas trans, mas também perpetua estigmas e marginalizações que vão além do espaço religioso, contribuindo para sua vulnerabilidade em outros contextos sociais. Essa dinâmica demanda um debate crítico e inclusivo, que considere a necessidade de ressignificar tais discursos e práticas em prol de uma abordagem mais equitativa e acolhedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revela-se de suma importância para o campo do saber por motivos essenciais na academia. O primeiro deles é que esta análise criteriosa das práticas discursivas ainda são muito presentes no imaginário coletivo, principalmente, para aqueles que, munidos de um pensamento conservador, que sustentam a exclusão de sujeitos que não se enquadram a forma binária de gênero imposto pela sociedade. Sendo assim, o candomblé acaba refletindo o mesmo conceito arraigado pelas comunidades abraâmicas, logo, refletindo ideologias similares. Nisso a ausência de charges e/ou tirinhas que demonstram a intolerância nesses ambientes em sites de busca, nos faz pensar que a exclusão das pessoas trans nas representações artísticas, como as charges, não é um fenômeno isolado; ela se conecta a uma cadeia discursiva que reforça normas sociais hegemônicas. Dessa forma, este estudo propõe a ampliação do debate sobre como discursos religiosos e artísticos podem ser ressignificados em favor de uma inclusão efetiva e da valorização da diversidade. A análise crítica de charges e tirinhas, como objetos culturais que refletem as tensões sociais, abre caminho para uma reflexão mais ampla sobre as responsabilidades éticas e sociais das narrativas visuais no combate à transfobia. Espera-se que esta pesquisa incentive novas investigações que desvelem outras formas de exclusão, ao mesmo tempo, em que inspirem a criação de representações mais inclusivas e empáticas.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Claudia Regina. **Exu Feminino e o matriarcado nagô: Indagações sobre o princípio feminino de Exu na tradição dos candomblés yorubá-nagô e a emancipação das “Exu de Saia”**. São Paulo. PUC. 2021.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.
- ALTHUSSER, LOUIS. “MARX E FREUD”. In: **Freud e Lacan; Marx e Freud**. Tradução de Walter José Evangelista. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALTHUSSER, Louis. “**Marxismo e Humanismo**” In: Por Marx. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Campinas/SP: Editorada Unicamp, 2015.
- ARISTÓTELES. Retórica. 2.ed. Tradução de Manuel Alexandre Júnior *et al.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. Aristóteles. Da interpretação. In: _____. **Organon I e II**. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.
- BENVENISTE, Émile. **Os níveis de análise linguística**. In: _____. Problemas de Linguística Geral I. Campinas: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, Émile. **Os níveis de análise linguística**. In: _____. Problemas de Linguística Geral I. Campinas: Pontes, 1995.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Cristina Birck et. al. São Carlos: EDUFSCAr, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque**, Rio de Janeiro, GRAAL, 1999.
- _____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2008.
- FREUD, Sigmund. 1ª parte: Os atos falhos. In: **Conferências introdutórias à Psicanálise**. Obras completas. Vol. 13.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos. Ed. Claraluz. 2004.
- KANT, Imanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: J. Rodrigues de Menege. Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>, acessado 25 de agosto de 2024.
- KILEUY, O.; OXAGUIÃ, V. de. **O Candomblé bem explicado: nações Banto, Iorubá e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- MAGALHÃES, A. S.; KOGAWA, J. **Pensadores da análise do discurso: uma introdução**. Jundiaí: PacoEditorial, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **“Da filosofia da linguagem à teoria do discurso” & amp; “Discurso e ideologia (s)”**. In: _____. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEREREIRA, França Helena. As representações do tratamento religiosos e suas repercussões na qualidade de vida para adeptos da nação Jeje Mahí.. Rio de Janeiro. UERJ. 2023

PRANDI, R. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004.

ORLANDI, Eni P. Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos. 5ª ed. Campinas. Pontes. 2005.

PLATÃO. Crátilo (ou Da justeza dos nomes). In: _____. Diálogos IX. 2ª ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém. Editora da UFPA, 1973.

RUBIN, Régine. História e Linguística. Tradução Adélia Bolle. São Paulo. Cultrix. 1990.

SAUSSURE. Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2003.

TARDOCCHI, Régis. **Metamorfoses do Discurso Publicitário na Significação da Homoafetividade**. Guarulhos. UNIFESP. 2023.